

Lorena de Risse Ferreira
Mestranda
Universidade Federal do Rio da Grande do Sul

SCANNING, UM MODO DE ADENTRAR ÀS IMAGENS

A pesquisa que parte de um objeto audiovisual tem seus específicos desafios. Em minha trajetória acadêmica, desde seu início, na iniciação científica, a afecção por imagens audiovisuais me guiou para que a pesquisa na pós-graduação se desse a partir deste tipo de materiais.

A imagem é codificada e decodificada por nós por meio da imaginação. Imaginamos e a partir da reconstituição das dimensões do observado conseguimos fazer a leitura do que vemos (FLUSSER, 2002). Essa aparente facilidade de compreensão imagética acima leva-nos a acreditar que as imagens técnicas aparentemente têm a função de representar o mundo, e isso faz com que seu observador as olhe como janelas e não como imagens. A aparente objetividade dessas imagens produzidas por aparelhos é ilusória, segundo Flusser, pois na verdade são tão simbólicas quanto às imagens não técnicas, e, portanto, devem ser decifradas e varridas por nossos olhares para que o significado seja apreendido.

Com o passar do tempo e com a maior intimidade com as imagens o funcionamento imagético acaba ficando naturalizado. Isso faz com que nos tornemos “cegos” por situação e não consigamos perceber a essência do material. Em grande parte, isso ainda ocorre por conta de uma resistência do objeto em dar-se a ver, e por uma dificuldade que temos de adentrar as imagens técnicas (KILPP, 2010, pg. 16).

Essa perspectiva leva à necessidade de uma metodologia e de procedimentos metodológicos que não ajam sobre o objeto de forma comum, mas que assumam as especificidades dele e que sejam efetivos no auxílio ao pesquisador. O próprio Flusser faz uma proposição nesse sentido, a qual foi testada por mim como forma de decifrar as imagens audiovisuais: o *Scanning Conceptual*. Esse procedimento consiste em retirar o material do seu fluxo natural e olhá-lo de uma maneira circular: encarar a imagem de modo que todos os elementos que a compõem sejam vistos e revistos. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem. Tal vaguear é chamado *Scanning* (FLUSSER, 2002).

É uma temporalidade de eterno retorno. Este tempo é totalmente diferente do tempo linear encontrado na leitura das imagens de forma superficial. O tempo do *Scanning* é o que o autor chama de tempo de magia.

No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. (FLUSSER, 2002, pg. 07).

Minha experiência com o uso do *scanning* foi essencial para a decifração de modos de produção de sentido contidos nessas produções, de modo que experimentei um novo posicionamento perante a imagem que me rendeu novas visões dela.